
FINANÇAS NAS ESCOLAS: uma pesquisa bibliográfica sobre a ausência de ensinamentos financeiros nas escolas e o reflexo na vida adulta dos indivíduos.

Sônia Dias Faria⁵
Welliton Glayco da Fonseca⁶

RESUMO

Este artigo tem por objetivo mostrar que a consciência financeira precisa estar presente nas escolas como proposta transdisciplinar. A ideia central do artigo é trazer a luz à educação financeira como necessária nas escolas, principalmente entre o público adolescente, referente ao Ensino Fundamental, uma vez que carecem de limites e podem atuar de forma reversa, ou seja, de forma consciente em seus projetos de vida, suas famílias e em sociedade. Demonstrando que pequenas ações planejadas de economia possibilitam poupar, investir e gastar de forma assertiva. E o principal a prática da cidadania que é a autonomia de tomar decisões coerentes em colaboração para mudanças de hábitos familiares. A pesquisa será científica para fundamentar teoricamente a ideia futura do projeto de extensão.

Palavras-chave: Educação. Finanças. Aprendizado. Consciência.

1 INTRODUÇÃO

O propósito deste trabalho consiste em expor a necessidade de ter conhecimento financeiro nas escolas brasileiras, estabelecendo um conhecimento de como gastar o dinheiro, no qual uma vida financeira controlada é saudável para o indivíduo.

A escola é sede de várias temáticas transversais. A educação financeira não pode ser posta de lado. À medida que o foco educativo é transformar o aluno para a prática da cidadania, receber uma formação consciente relacionado às finanças colabora para mais uma intervenção social.

A educação financeira não é apenas para classes favorecidas financeiramente sobre perspectiva de investimentos e poupança. Ao oposto, uma necessidade para aqueles que precisam ter ciência de seus gastos e como bem distribuir.

A escola, por vezes, não enfatiza o ensino financeiro, perdendo a oportunidade de contextualizar o próprio ensino da matemática e usar desse assunto como elemento transdisciplinar. O recorte da presente pesquisa refere-se

⁵ Pós-graduada em Gestão de Finanças e Controladoria pela Faculdade Famart. E-mail: soniadiasfaria82@gmail.com

⁶ Professor orientador do estudo e do artigo. Professor dos cursos de Graduação e de Pós-Graduação lato sensu da Faculdade Famart – Itáúna-MG. Graduado em Ciências Sociais e Mestre em Administração.

ao público adolescente (Ensino Fundamental) devido o lugar de diálogo mais maduro e atuante.

Uma vez que o aluno se apropria do funcionamento das finanças, cria-se o hábito de ator social, seja consumindo, investindo ou poupando. A fase da adolescência é marcada pelo ter através do apelo das mídias e pressão dos grupos. Apresentar ao adolescente a concepção de que para ter é preciso planejamento, demonstra valorização das coisas e desvia da futilidade.

Mais do que levar a educação financeira para sala de aula, provocar uma consciência financeira nos adolescentes para que possam agir com autonomia em suas vidas, familiar e social. A proposta é atuar diretamente com o Serviço de Orientação Educacional e com o professor responsável pela disciplina e criar palestras, bate-papos, ações e estabelecer um vínculo de entendimento com as práticas financeiras.

Existe fórmula para seguir uma boa educação financeira? Precisamos estudar todos os mecanismos que a estrutura financeira nos oferece, conhecer o mercado, o valor do dinheiro e o principal, traçar metas para atingir este objetivo, que é uma vida financeira tranquila.

Esta pesquisa é para mostrar que o conhecimento financeiro é fundamental para controlar e administrar seus ganhos. A falta de consciência financeira leva o ser humano a ficar na mesmice da cultura que foi condicionada quando era criança, no qual ao decorrer da vida torna-se um tormento por não conseguir alcançar seus objetivos. Aplicando o conhecimento financeiro nas escolas é a prova de que a educação financeira e sua aplicabilidade em ambiente escolar faz total diferença no percurso da vida e o aprendizado é usado como instrumento de conscientização social.

A principal motivação para essa pesquisa constitui-se na importância que o conhecimento trás para a vida do indivíduo. O aprendizado sobre finanças promove o desenvolvimento do comportamento crítico em relação ao controle financeiro de cada pessoa, conduzindo assim a pessoa a planejar sua vida financeira. Em tempos que o marketing tem grande exposição na mídia fazendo com pessoas compre sem ao menos precisar, o conhecimento e controle financeiro é a grande mola para garantir assim mudanças de hábitos, trazendo o controle de suas finanças e o bem estar próprio.

2 DESENVOLVIMENTO

O tema sobre educação financeira já é tratado há mais de 15 anos como prioridade pelos órgãos internacionais. A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), no qual define sobre o tema:

O processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram a sua compreensão em relação aos conceitos e produtos financeiros, de maneira que, com informação, formação e orientação, possam desenvolver os valores e as competências necessários para se tornarem mais conscientes das oportunidades e riscos neles envolvidos e, então, poderem fazer escolhas bem informadas, saber onde procurar ajuda e adotar outras ações que melhorem o seu bem-estar. Assim, podem contribuir de modo mais consistente para a formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro.

A educação financeira tem como sua base principal, a conscientização do indivíduo em tomar decisões sensatas e corretas em todas as situações que envolvam dinheiro, sabendo de todas as oportunidades e quais os riscos que corre, pois com este conhecimento, fica cada vez mais difícil perder tudo e alcançar o objetivo de forma saudável.

Quando a pessoa consegue enxergar o controle financeiro em sua vida, tudo fica mais leve, otimizar os ganhos é empregar e investir bem os recursos de uma maneira na qual possa garantir uma segurança e somente com a educação financeira poderemos obter esse benefício.

E muito além disso, a qualidade de vida para hoje e o futuro, vale de um determinado sacrifício, pois com ele, atingimos uma determinada segurança financeira com o intuito de aproveitar as coisas boas da vida e suprir a necessidade de um momento de dificuldade.

No Brasil existe um Comitê Nacional de Educação Financeira (CONEF) que estabeleceu um projeto piloto no período entre 2008 a 2010 para abordar educação financeira nas escolas públicas para o público de Ensino Médio. A proposta é levar também para o Ensino Fundamental.

Percebe-se uma formação de atuação e estratégias de intervenção da temática nas escolas públicas. O momento é favorável para propagação no ambiente escolar e especificamente ao Ensino Fundamental.

Em dezembro de 2010 foi estabelecido o Decreto Nº 7.397: “A estratégia foi criada para promover a educação financeira e previdenciária em razão do impulso às políticas de inclusão social no país” (MEC, 2010).

Além dessa promoção nas escolas, o adolescente deve levar para casa o discurso de consciência financeira para colocar em prática.

Domingos (2012, p.8): “suas conquistas dependerão – e muito - da sua capacidade de lidar bem com o dinheiro. Isso porque, o dinheiro sempre foi, e continuará sendo, a mola que move o mundo”.

O aluno precisa perceber que economizar traz benefícios. Ajudando sua família nas decisões sobre o orçamento é uma prática aconselhável e que pode reverter a uma mesada para que ele possa administrar. Economizar na conta de água, luz, nas compras para aplicar em outros aspectos, como por exemplo, para o lazer.

O professor tem influência na formação do aluno para questões relacionadas à conscientização:

o professor apresenta uma posição privilegiada no que tange a formação de hábitos, pois trabalha com crianças e adolescentes em um estágio no qual esses estão desenvolvendo conexões entre o seu comportamento e suas experiências vivenciadas (PREGARDIER, 2015).

Essa prática consciente financeira estimula o domínio de competências e habilidades matemáticas. Precisa planejar, comparar, calcular, estimar, para além, o que desperta no adolescente limite e autonomia diante de suas ações.

O Art. 13, inciso III, da LDB (Lei 9.394/96), que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, afirma que cabe aos docentes “zelar pela aprendizagem dos alunos” Tal dispositivo indica que o conceito de ensino encontra-se atrelado ao de aprendizagem. Os objetivos a seguir relacionam-se à Educação Financeira:

2.1 FORMAR PARA A CIDADANIA

A cidadania é uma articulação dos direitos e deveres civis, políticos e sociais (Marshall, 1967). Ser cidadão, portanto, é ter direito de usufruir várias possibilidades que a vida oferece, tais como liberdade, igualdade, propriedade, participação política, educação, saúde, moradia, trabalho, entre outras. Ser cidadão é ter responsabilidade ativa na sociedade, protagonizando a construção da democracia. Nessa linha, Perrenoud (2002) indica que ensinar direitos e deveres sem a vivência de ações concretas e sem uma mudança de pensamento não é suficiente para se formar cidadãos. É necessário o exercício

contínuo da cidadania, ingrediente indispensável da construção de uma sociedade democrática e justa. A Educação Financeira tem como principal propósito ser um dos componentes dessa formação para a cidadania.

2.2 ENSINAR A CONSUMIR E A POUPAR DE MODO ÉTICO, CONSCIENTE E RESPONSÁVEL

O consumo é tratado como um direito, e todos, indistintamente, são estimulados a consumir, independentemente de sua condição para tal. No passado, o consumo voltava-se para bens sólidos e duráveis. Atualmente, segundo Bauman (2007), verifica-se uma instabilidade dos desejos aliada a uma insaciabilidade das necessidades, pela conseqüente tendência ao consumo instantâneo, bem como a rápida obsolescência dos objetos consumidos. Esse ambiente é desfavorável ao planejamento, ao investimento e ao armazenamento de longo prazo. Consumo e poupança configuram-se como “atitudes responsáveis” ao levar em conta os impactos sociais e ambientais. Deve-se procurar, assim, não transbordar problemas financeiros para o outro, não comprar produtos advindos de relações de exploração ou de empresas sem comprometimento socioambiental, reduzir o consumo desnecessário, ampliar a longevidade dos produtos possuídos, reduzir a produção de lixo e doar objetos úteis não desejados. Consumir e poupar com consciência e responsabilidade, com uma clara preocupação com o outro e com as conseqüências das decisões tomadas, traduzem o compromisso ético da cidadania.

2.3 OFERECER CONCEITOS E FERRAMENTAS PARA A TOMADA DE DECISÃO AUTÔNOMA BASEADA EM MUDANÇA DE ATITUDE

À nossa volta, atualmente, circula uma quantidade excessiva de informações e de signos (inclusive financeiros), muitas vezes descontextualizados e incompreensíveis para muitas pessoas. A compreensão da linguagem do mundo financeiro, por meio de um programa educativo, possibilita ao indivíduo obter as informações necessárias para que tome suas decisões de modo autônomo, embora já se saiba que nem toda decisão é baseada em informações. Na verdade, estudos de psicologia econômica indicam a concorrência de variáveis de ordem emotiva nas decisões de ordem financeira (Ferreira, 2007).

Outro benefício advindo da Educação Financeira consiste no julgamento crítico que se pode aprender a fazer em relação à publicidade, isso porque uma sociedade marcada pelo consumo se caracteriza em estimular a depreciação e a desvalorização dos produtos depois de estes terem sido adquiridos. Essa é a cultura do excesso e da frustração, que aposta na irracionalidade dos consumidores e não nas suas estimativas sóbrias e bem informadas, ou seja, estimula emoções que levam ao consumo impetuoso, em vez de cultivar o uso da razão. O campo da publicidade procura aumentar a eficiência das mensagens de consumo e provocar o desejo de adquirir determinados produtos. Ao aprender a fazer uma leitura crítica de mensagens publicitárias a respeito de produtos de consumo, aí incluídos os bens e serviços financeiros, as pessoas se tornam equipadas para tomar decisões com mais autonomia, isto é, consciente das pressões externas e mais de acordo com suas reais necessidades.

Com a introdução da Educação Financeira nas escolas, espera-se que os indivíduos e as sociedades tenham condições de moldar seu próprio destino de modo mais confiante e seguro e que deixem de ser beneficiários passivos de programas econômicos e sociais para se tornarem agentes de seu próprio desenvolvimento.

2.4 FORMAR MULTIPLICADORES

A implantação da Educação Financeira pretende colaborar para uma formação mais crítica de adolescentes possibilitando-os a ajudar suas famílias na determinação de seus objetivos de vida, bem como dos meios mais adequados para alcançá-los. Dados do final da década de 2000 (Data Popular, 2008) apontam clara associação entre o comportamento financeiro individual e o familiar. Famílias gastadoras geram filhos gastadores, da mesma forma que filhos poupadores vêm de famílias poupadoras. A tendência gastadora talvez possa ser controlada por meio de conhecimentos levados pelos alunos para suas famílias. Assim, o público beneficiário da Educação Financeira não se restringe ao público escolar, mas, por meio dele, atinge-se um número muito maior de pessoas, ampliando essa disseminação de conhecimentos extremamente útil para a vida na sociedade atual. Dessa forma, promove-se o trânsito de informações pelos distintos níveis espaciais, dos mais próximos aos mais distantes, num ótimo exemplo de que boas práticas e ideias devem transgredir os limites espaciais e circular livremente.

2.5 ENSINAR A PLANEJAR A CURTO, MÉDIO E LONGO PRAZOS

A falta de planejamento e a sensação de que o presente não se relaciona com o passado nem com o futuro fazem com que o tempo seja pulverizado numa multiplicação de “eternos instantes” acidentais e episódicos.

A Educação Financeira intenciona conectar os distintos tempos, conferindo às ações do presente uma responsabilidade pelas consequências do futuro. Para se alcançar determinada situação, é necessário um planejamento que contemple distintas etapas de execução, envolvendo prioridades e renúncias que não seriam cogitadas pelo pensamento exclusivo do presente. No caso dos anos iniciais do Ensino Fundamental, os alunos experimentam majoritariamente o planejamento de situações de curto prazo, mas são também estimulados a imaginar ações e suas respectivas repercussões no médio e longo prazos mesmo que só o façam qualitativamente, ou seja, sem uma quantificação precisa dos tempos futuros.

2.6 DESENVOLVER A CULTURA DA PREVENÇÃO

A expectativa de vida aumentou, e o ser humano passa, hoje, mais tempo na condição de aposentado do que no passado recente. Esse aumento, em termos nacionais, constitui um quadro financeiro delicado, uma vez que a pessoa deverá sobreviver com os recursos da aposentadoria por um período mais longo, o que requer um planejamento desde cedo. Além desse quadro, é prudente planejar pensando nas intempéries da vida. Ninguém está isento de enfrentar situações adversas e inesperadas que, por vezes, exigem o dispêndio de uma quantidade de dinheiro não prevista no orçamento. Para garantir maior tranquilidade diante de tais situações é preciso conhecer progressivamente, conforme a idade o permita, o leque de opções disponíveis, tais como evitar desperdícios, guardar dinheiro, fazer seguros ou investimentos ou dispor de planos de previdência (pública ou privada).

Contudo, não só é importante, como é até mesmo possível plantar as bases da prevenção, e isso pode ser feito por meio de um trabalho sistemático de construção do cuidar do que é valioso para si próprio e para a sociedade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não precisamos entender completamente todo contexto que envolve finanças, precisamos ter conhecimento básico para saber controlar o que ganhamos, ter consciência e como gastamos o dinheiro para ter um controle financeiro adequado para vivermos bem.

Nos dias atuais, não existe perspectiva sobre um mundo que todos têm consciência de quanto ganha, quanto pode gastar e a projeção para a realização de um sonho com o início de uma economia daquilo que se ganha. Para os brasileiros isto não acontece.

Não existe ainda uma cultura de estudar a vida financeira e qual melhor atitude tomar diante desta realidade. Isso reflete na vida de grande parte dos brasileiros, pois o descontrole financeiro gera o endividamento crescente, mesmo com aqueles que têm uma boa renda, pois não adianta ganhar muito se não souber aplicar as premissas básicas de poupar.

A educação financeira está relacionada à forma que entendemos sobre dinheiro e todas as formas de utilização deste recurso para que tenhamos uma vida mais equilibrada, pois ao contrário disso pode afetar diretamente o convívio social, familiar e até o psicológico do indivíduo.

O tema pode e deve ser iniciado/trabalhado nas escolas, desde a educação básica, para facilitar o aprendizado e o conhecimento sobre o assunto para toda a vida, possibilitando ser passado de geração para geração e, também, ensinado para outras pessoas que não tiveram a oportunidade de aprender sobre o tema. Ter a noção de como o dinheiro pode e deve ser gasto de forma planejada, muda a vida de qualquer indivíduo, ainda mais de quem está em fase de desenvolvimento. Os estudantes se sentirão mais motivados durante esse processo, podendo abrir um leque de possibilidades para conseguir atingir seus objetivos e realizar seus sonhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAVARESCO, Joel. **Educação financeira na escola**. 1. ed. Jundiaí (SP): PACO, 2021.

CONEF, Comitê Nacional de Educação Financeira. **Educação Financeira nas Escolas: Ensino Fundamental**, 1. ed. Brasília: COLOR, 2014.

DOMINGOS, Reinaldo. **Ter dinheiro não tem segredo**. 2 ed. São Paulo: DSOP, 2012.

PREGARDIER, Ana. **Educação Financeira: Jogos para sala de aula**. Porto Alegre: AGE, 2015.